



ENSAIO

## 6 *A arte da voz em bandeira: cores de protesto que tremulam no ar*

*(The art of the flag-waving voice: protest colors fluttering in the air)*

*(El arte de la voz que ondea la bandera: colores de protesta ondeando en el aire)*

*Lucas Silva Pamio<sup>1</sup>*

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP Bauru. Especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas pela UNESP Bauru e Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Sagrado Coração. Atua como Arquiteto Projetista e Artista Visual. Pesquisa na linha de Teoria da Arquitetura, na área de Arquitetura e Cidade. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6133467212870187>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>.



**Resumo** – Nos últimos anos, a exibição de bandeiras em espaços urbanos, especialmente em Curitiba, tornou-se um ato político de afirmação ideológica e resistência. As fachadas residenciais, antes neutras, passaram a ser plataformas de disputa simbólica, refletindo um Brasil polarizado. A bandeira nacional, historicamente símbolo de unidade, foi apropriada por diferentes grupos, gerando divisões entre apoiadores de Jair Bolsonaro e de movimentos sociais. Esse fenômeno foi registrado em um ensaio visual de 2022, que evidenciou como bandeiras de partidos, movimentos sociais e símbolos identitários invadiram o espaço público. A prática, que vai além da decoração, reflete o desejo de pertencimento e posicionamento político, transformando a paisagem urbana em um campo de significações em disputa. A mostra “A Arte da Voz em Bandeira” propõe uma reflexão sobre o impacto dessas manifestações visuais, evidenciando como as bandeiras se tornaram um instrumento de expressão e resistência na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Bandeiras; espaço urbano; manifestação política; paisagem; identidade.

**Abstract** – In recent years, the display of flags in urban spaces, especially in Curitiba, has become a political act of ideological affirmation and resistance. Residential facades, once neutral, have turned into platforms for symbolic dispute, reflecting a polarized Brazil. The national flag, historically a symbol of unity, has been appropriated by different groups, creating divisions between supporters of Jair Bolsonaro and social movements. This phenomenon was documented in a visual essay in 2022, highlighting how flags of political parties, social movements, and identity symbols have invaded public space. This practice, which goes beyond decoration, reflects a desire for belonging and political positioning, transforming the urban landscape into a field of competing meanings. The exhibition “The Art of Voice in Flag” proposes a reflection on the impact of these visual manifestations, emphasizing how flags have become an instrument of expression and resistance in contemporary society.

**Keywords:** Flags; urban space; political manifestation; landscape; identity.



**Resumen** – En los últimos años, la exhibición de banderas en espacios urbanos, especialmente en Curitiba, se ha convertido en un acto político de afirmación ideológica y resistencia. Las fachadas residenciales, antes neutrales, se han convertido en plataformas de disputa simbólica, reflejando un Brasil polarizado. La bandera nacional, históricamente símbolo de unidad, ha sido apropiada por diferentes grupos, generando divisiones entre los partidarios de Jair Bolsonaro y los movimientos sociales. Este fenómeno fue documentado en un ensayo visual de 2022, que destacó cómo las banderas de partidos políticos, movimientos sociales y símbolos identitarios han invadido el espacio público. Esta práctica, que va más allá de la decoración, refleja el deseo de pertenencia y posicionamiento político, transformando el paisaje urbano en un campo de significados en disputa. La exposición “El Arte de la Voz en las Banderas” propone una reflexión sobre el impacto de estas manifestaciones visuales, destacando cómo las banderas se han convertido en un instrumento de expresión y resistencia en la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Banderas; espacio urbano; manifestación política; paisaje; identidad.



Nos últimos anos, a exibição de bandeiras em contextos urbanos adquiriu novos significados, consolidando-se em Curitiba como uma forma visível de manifestação política e sociocultural. Capturado em um ensaio visual de 2022, esse fenômeno revela como janelas e fachadas residenciais se tornaram espaços de afirmação ideológica, refletindo um Brasil profundamente polarizado. Ao hastear bandeiras de partidos, movimentos sociais e símbolos identitários, os moradores transformaram suas casas em veículos de expressão e disputa simbólica.

Essa prática, que vai além do uso decorativo, reflete a complexidade do cenário político contemporâneo. Um exemplo marcante foi o uso intensivo da bandeira nacional durante as eleições de 2018, quando esse símbolo, historicamente compartilhado, passou a ser apropriado por determinados grupos políticos, especialmente por apoiadores do governo de Jair Bolsonaro. O que antes representava unidade passou a carregar conotações ideológicas específicas, gerando tensão entre aqueles que viam a bandeira como um símbolo nacionalista e os que a percebiam como um emblema de um projeto político. Curitiba, com sua forte adesão ao bolsonarismo, tornou-se um cenário emblemático desse embate visual.

O ensaio fotográfico registrou a persistência desse fenômeno, que, embora inicialmente associado ao período eleitoral, permanece presente nas ruas da cidade. As imagens revelam fachadas adornadas não apenas com bandeiras de partidos, mas também com estandartes de movimentos LGBTQIAP+, símbolos religiosos, manifestações antirracistas e reivindicações de direitos sociais. Cada bandeira hasteada carrega uma mensagem – seja resistência, pertencimento ou provocação –, compondo um mosaico de narrativas visuais que se sobrepõem no espaço urbano.

O simples ato de pendurar uma bandeira na janela, embora aparentemente trivial, torna-se um marcador da fragmentação política do país. Fachadas antes neutras passaram a ser plataformas de disputa, onde a exibição de símbolos é uma forma de reivindicar espaço e voz no debate público. Esse uso contínuo das bandeiras como meio de protesto evidencia como as divisões ideológicas ultrapassam os discursos e se materializam na paisagem cotidiana.

Curitiba tornou-se, assim, uma tela em constante transformação, onde bandeiras de diferentes cores e significados dialogam ou confrontam-se silenciosamente. Esse fenômeno se alinha às reflexões



de Certeau (1980) e Lefebvre (1991) sobre o espaço urbano como um campo de significações em disputa. A paisagem urbana, longe de ser estática, reflete os processos sociais e políticos em curso, sendo continuamente reconstruída por aqueles que nela habitam.

O ensaio visual de 2022 utilizou a fotografia documental para capturar a dinâmica desse processo. As bandeiras registradas não são apenas objetos decorativos, mas elementos carregados de significado, cuja interpretação depende do contexto em que são exibidas. A partir da semiótica de Peirce (1958), compreende-se que esses símbolos não possuem um sentido fixo; sua leitura está sempre em negociação com o observador e o ambiente em que se inserem.

Mesmo com as mudanças no cenário político, as bandeiras continuam presentes nas fachadas curitibanas, atestando que as disputas que motivaram seu surgimento ainda persistem. Mais do que emblemas de partidos ou movimentos, essas bandeiras expressam desejos de pertencimento, reconhecimento e afirmação identitária em uma sociedade em constante transformação. No futuro, é provável que elas sigam desempenhando um papel central na paisagem urbana, seja como instrumentos de protesto,

resistência ou celebração. Cada bandeira hasteada é um convite à reflexão sobre quem somos como sociedade e sobre os caminhos que escolhemos seguir em tempos de mudanças e incertezas.

Ao percorrer a espacialidade daquele território urbano, compreende-se o espaço como “lugar da reprodução” (Lefebvre, 1977, p. 209). A marcação do território, por meio da expressão visual, não apenas define um ponto de vista, mas inscreve significados na paisagem, moldando a maneira como os espaços são percebidos e vivenciados. Essa visualidade, impregnada de intenções e simbolismos, impacta diretamente a leitura do cenário e a identidade dos sujeitos que nele se reconhecem. Mais do que um simples registro estético, esses signos se tornam elementos de pertencimento e afirmação, fortalecendo a conexão entre as pessoas e o lugar.

Nesse processo, a marcação do espaço também se transforma em um gesto de resistência, uma forma de reivindicar narrativas, desafiar apagamentos e ressignificar a cidade a partir das experiências de quem a habita. O poder se manifesta na paisagem urbana de maneira constante e, muitas vezes, silenciosa, infiltrando-se nos gestos cotidianos e nos símbolos que compõem o espaço comum. As bandei-



ras fixadas nas fachadas das casas e apartamentos de Curitiba, por exemplo, tornaram-se mais do que meros elementos decorativos; passaram a ser marcadores visíveis de disputa ideológica, pertencimento e resistência.

Esse fenômeno, incorporado ao dia a dia da cidade, pode parecer trivial à primeira vista, mas carrega uma intensa carga política. Como afirma Lefebvre (1977, p. 210): “O poder aparece de várias maneiras: às vezes pelo tédio, mas sempre em meio do tédio”. No ciclo repetitivo da vida urbana, onde a rotina naturaliza imposições, o ato de hastear uma bandeira transforma-se em um código silencioso de afirmação e confronto. Em Curitiba, esse gesto, ao se tornar persistente e massivo, revelou tensões profundas, redefiniu o espaço público e expôs as estruturas de poder que atravessam a sociedade.

Bandeiras penduradas em janelas e sacadas, à primeira vista um gesto comum, tornaram-se um poderoso reflexo das disputas políticas e das dinâmicas de poder da cidade. A repetição desse ato no cotidiano urbano dissolve a linha entre o ordinário e o simbólico, evidenciando como práticas aparentemente triviais carregam significados profundos. Esse fenômeno torna mais visíveis as tensões sociais

e convida a uma nova percepção sobre aquilo que antes parecia parte da rotina, mas que agora ganha uma dimensão política e social.

O momento atual permite repensar a articulação entre o vivido – experiências subjetivas, individuais e coletivas – e o cotidiano, onde práticas repetitivas e estruturas organizam a vida diária de forma muitas vezes despercebida. No entanto, quando observadas sob outra ótica, revelam aspectos invisibilizados ou naturalizados. Quando um trajeto se torna recorrente, ainda que a temporalidade e causalidade nunca sejam as mesmas, registram-se as características daquela paisagem – suas formas, padrões e cores. Assim, qualquer elemento novo, por mais sutil que seja, torna-se notado e questionado.

Entre setembro e novembro de 2022, no percurso semanal entre casa e o campus geral da Universidade Federal do Paraná em Curitiba, foi possível observar o surgimento gradual de bandeiras em janelas, sacadas, telas, portas e mastros não institucionais. Esse fenômeno coincidiu com a tensão política em torno da reeleição do então presidente Jair Messias Bolsonaro, em oposição ao atual presidente reeleito Luís Inácio Lula da Silva. O crescente número de bandeiras, inicialmente associado ao patriotismo,



logo assumiu um caráter político, tornando-se representativo de diferentes posicionamentos ideológicos. As bandeiras em referência à pátria, frequentemente ligadas ao apoio a Bolsonaro, passaram a dividir espaço com bandeiras partidárias, de movimentos sociais e de resistência – não necessariamente em apoio a Lula, mas significativamente contrárias a Bolsonaro.

Com o passar das semanas, a necessidade de caminhar para registrar essas transformações na paisagem tornou-se urgente. Simultaneamente, começaram a ocorrer atritos entre grupos sociais, manifestações, atos e encontros, motivando uma caminhada investigativa além do trajeto usual. Assim, percorreram-se os bairros do Bigorrilho, Batel, Centro e Jardim Botânico, seguindo a dinâmica proposta por Careri (2017), que sugere pausas durante o caminhar para identificar dinâmicas urbanas e observar diferentes direções e alturas, buscando mapear a presença das bandeiras.

Portando um pequeno bloco de anotações, caneta, sacola ecológica com garrafa de água, guarda-chuva, óculos de sol e uma câmera Nikon Coolpix L810 – capaz de um zoom óptico de até 26x –, foi possível registrar imagens com qualidade, aproxi-

mando-se sem causar desconforto ou invadir a privacidade dos residentes. Para garantir a ética na produção de imagens, evitou-se fotografar janelas, sacadas, terraços e portas quando houvesse pessoas no local. O objetivo era evidenciar a presença das bandeiras, que, por si só, já representavam uma escolha deliberada de seus habitantes, sendo a ação de hasteamento uma intervenção consciente na paisagem urbana.

Dessa forma, surge também o desejo de compartilhar artisticamente essa experiência. Ainda que pessoal, essa percepção não é exclusiva, pois o “efeito patriotismo” extrapolou Curitiba e se manifestou em diversas outras cidades do país. No entanto, diferentemente do fervor coletivo gerado por eventos esportivos, desta vez, a motivação era política.

Assim, *A arte da voz em bandeira: cores de protesto que tremulam no ar* foi concebida como uma mostra visual dessas caminhadas investigativas sobre os territórios e suas bandeiras. Inicialmente, cogitou-se identificar as localidades junto ao registro fotográfico, mas o propósito dessa reunião de imagens não é incitar desavenças ou destacar divergências políticas.

O processo de análise e criação artística, ao





revelar a condição da paisagem urbana de Curitiba naquele momento, leva em consideração uma perspectiva individualizada e pessoal sobre o contexto. Como aponta Kant (1995, p. 47), a imaginação está ligada ao entendimento do sujeito e ao seu sentimento de prazer ou desprazer. Assim, a interpretação da paisagem urbana não se limita a uma realidade objetiva, mas reflete percepções e sensações subjetivas que ela evoca no observador. O objetivo é revelar o caráter dinâmico da paisagem urbana e as respostas que emergem dos processos sociais e políticos. A presença dessas bandeiras, antes um elemento raro na paisagem cotidiana, evidencia como símbolos podem ser ressignificados e incorporados ao espaço urbano como marcas de um tempo e de uma disputa em curso.

A exibição de bandeiras nos espaços urbanos, especialmente em fachadas e janelas, tem se consolidado como um ato de protesto e afirmação política. Diferentemente das bandeiras carregadas no corpo, que expressam mobilidade e adesão direta a uma causa, aquelas fixadas em edifícios assumem um caráter estático e perene, comunicando silenciosamente um posicionamento político ou ideológico

(Gomes, 2012). Esse fenômeno se intensificou no Brasil contemporâneo, especialmente durante os ciclos eleitorais.

A polarização simbólica das cores também se manifestou visualmente no cenário urbano. O verde e amarelo, historicamente associados à identidade nacional, passaram a representar o apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, enquanto o vermelho tornou-se um símbolo de resistência e oposição, especialmente vinculado ao Partido dos Trabalhadores. A frase “nossa bandeira nunca será vermelha”, amplamente difundida entre apoiadores do bolsonarismo, dissocia o vermelho da história do próprio Brasil, cuja denominação original remete à exploração do pau-brasil, de tonalidade avermelhada (Cantarino, 2004).

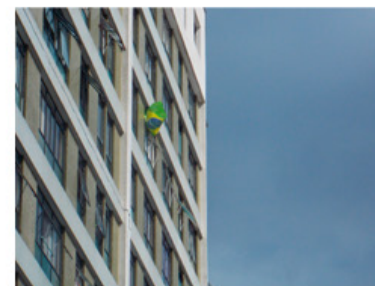
A exibição de bandeiras e cores no espaço urbano se torna, assim, um termômetro das disputas políticas e sociais. Em Curitiba, por exemplo, vitrines comerciais e edifícios passaram a ostentar tecidos vermelhos, não apenas como apoio ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva em 2022, mas também como afirmação de presença e resistência no cenário público. Esse fenômeno não se restringe ao Brasil: a utilização de bandeiras e cores como ex-



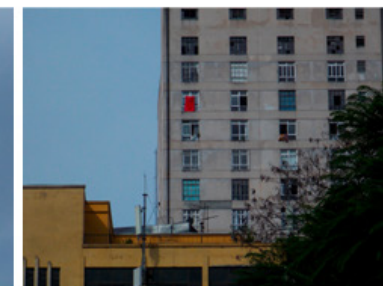


pressão política é um elemento recorrente em diversas democracias, reforçando a conexão entre simbolismo visual e disputas ideológicas.

O uso das bandeiras como ferramenta de protesto e afirmação política reflete a dinâmica histórica do patriotismo no Brasil. Ao longo dos séculos, o significado do sentimento nacional foi resignificado conforme os contextos políticos e sociais. Nos últimos anos, a apropriação da bandeira nacional por grupos conservadores gerou uma disputa simbólica que transborda para o espaço urbano. A presença de bandeiras em fachadas, vitrines e edifícios expressa uma pluralidade de vozes e resignifica a relação entre identidade nacional e posicionamento político. Esse fenômeno evidencia como a simbologia das cores e da bandeira continua a ser um campo de disputa na construção da identidade nacional brasileira. Essa visão propõe uma leitura da realidade em que as dinâmicas sociais se desdobram como um grande espetáculo, onde os símbolos ocupam um lugar central na mediação das interações humanas (Debord, 1997).



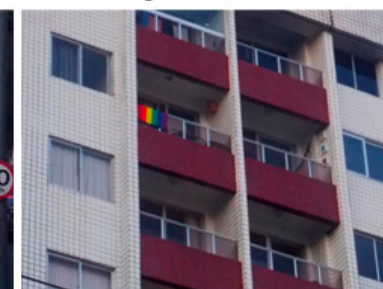
Bandeira e concreto.



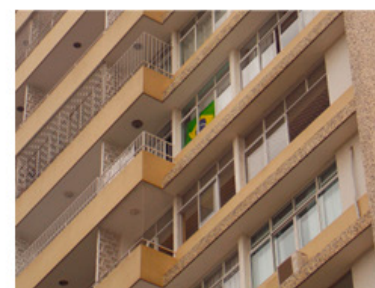
Um pano vermelho



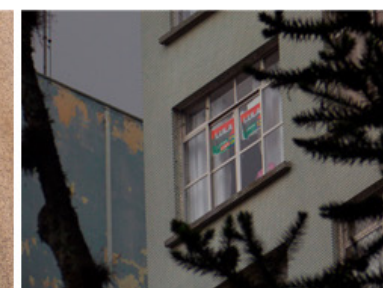
Nacionais



Cores



Cavalete verde e amarelo



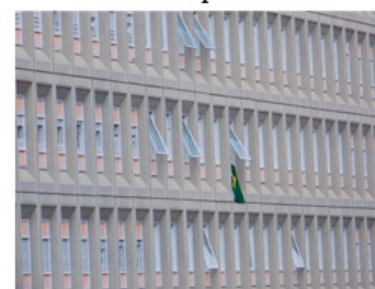
Lula



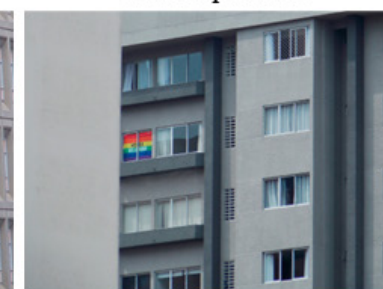
Listras e quadriculas



Manto quarando



Bandeirola



#Fora



A mostra visual propõe uma reflexão sobre a presença das bandeiras como um ato político de liberdade de expressão, resgatando e evidenciando sua exibição em fachadas de apartamentos, residências e espaços de trabalho. A exposição desse elemento simbólico reforça a ideia de que ostentar uma bandeira é mais do que um gesto decorativo; é uma afirmação de escolha, um posicionamento diante da coletividade, um exercício de cidadania que dialoga com a democracia. Assim, ao transformar a paisagem urbana em um espaço de manifestações visuais, a mostra contribui para a construção de um legado democrático, onde a exposição dessas insígnias se torna parte do contexto social, cultural e político. As bandeiras funcionam como uma extensão do corpo humano, carregando consigo representatividades, identidades e reivindicações. Nesse sentido, a mostra não apenas destaca a potência simbólica das bandeiras, mas também tensiona os limites entre o privado e o coletivo, evidenciando como esses elementos se entrelaçam na construção de narrativas individuais e coletivas. Dessa forma, reafirma-se a importância das bandeiras como instrumentos de expressão e resistência, inseridos em um contínuo processo de resignificação e pertencimento.



## Referências

- CANTARINO, Gisela. **Uma ilha chamada Brasil: o paraíso irlandês no passado brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- CARERI, Francesco. **Caminhar y parar**. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOMES, Rafael Cardoso. Janelas indiscretas e ruas não vistas: duas matrizes para a representação da cidade. **Revista Dispositiva**, v. 1, n. 1, maio 2012.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- LEFEBVRE, Henri. Estrutura social: a reprodução das relações sociais. In: MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Edited by Arthur Burks. v. 7-8. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1958.

